

Sítio Barra do Bengalas – Um exemplo para a pecuária leiteira do Estado do Rio de Janeiro

Marcelo Erthal Pires e Rodolpho de Almeida Torres

Um pouco de estória da pecuária na região

Um pequeno pedaço de terra, com o nome de Barra do Bengalas, situado entre os municípios de Bom Jardim e Nova Friburgo, na confluência dos Rios Bengalas e Grande, que descem de Nova Friburgo em direção a Bom Jardim. Caminho de quem vinha de Rio Grandina ou para aqueles que usavam a passagem das furnas.

Trechos por onde a primeira imigração não latina do Brasil descia em massa para desbravar e lavrar o Vale do Rio Paraíba do Sul dando começo, já nas primeiras décadas do século XIX, ao que seria um “Eldorado” com base na cultura do café, um dos ciclos virtuosos do nosso País, que se consolidou daqueles tempos até seu abrupto fim com a “quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque”, isso em 1929. Da glória ao quase caos, os homens do campo, neste marco, dão início a uma diversificação de atividades agropecuárias, enquanto outros mudam para as cidades, buscando empregos na indústria e no comércio. Teve início uma pecuária ainda muito primitiva, dificultada pela topografia da região e pela divisão das antes extensas fazendas de café, tornando as propriedades menores, nas quais não se fazia o suficiente para uma sobrevivência confortável, de forma que não sobrava um mínimo de capitais para investimentos. Com poucas exceções espalhadas pela região, a grande maioria das famílias passou por inúmeras dificuldades.

O capim predominante na região durante toda esta época e até o final dos anos 70 e início dos anos 80 do século passado era o capim-gordura, que deixava o

gado sem alimento após pendoar na estação seca do ano. Sua baixa lotação por área plantada e o alto custo do controle de ervas invasoras, aliado a sua baixa resistência ao fogo e a pouca cobertura do solo, concorreram para o rápido empobrecimento dos solos, principalmente os das encostas mais íngremes, devido às erosões. Na década de 80 apareceram as *Brachiarias* dando um novo fôlego aos pecuaristas, que de forma muito desconfiada, foram erradicando o capim-gordura, para ceder lugar às *Brachiarias*. Nestes tempos o Brasil passava por uma fase de baixo crescimento econômico e a inflação acabava com as finanças dos pecuaristas, aliando-se a um modelo de cooperativa de produtores, que em nada seguiam os princípios cooperativistas, mas sim de cartorizados que, conjugados às péssimas administrações, quase sempre, beneficiavam pequenos grupos em detrimento da grande maioria dos cooperados.

Junto a esta condição, a mão-de-obra envolvida na pecuária leiteira era, em grande parte, difícil de ser encontrada, despreparada e não qualificada. Trabalhavam muito para entregar, nas chamadas “bancas de leite”, uma quantidade de leite pequena, coletada na maioria das vezes antes das cinco horas da manhã. Outros pequenos produtores direcionavam sua produção para a fabricação artesanal de queijos, de maneira ainda muito primitiva e com grandes problemas higiênicos.

Foram anos de puro extrativismo na produção de leite. Matava-se os bezerras com o pouco leite que lhes era reservado. Os surtos de febre aftosa acabavam com os poucos rebanhos e o carbúnculo de vez em quando aparecia junto com as diversas doenças advindas da má qualidade do trato e pobreza dos cochos (“língua-de-pau”, prolapso de útero, diarreias, e tantas outras). Raros e infrutíferos eram os trabalhos de melhoramento genético.

Início da exploração leiteira

Em meados da década de 90, Guaracy Ribeiro Botelho, nascido em Nova Friburgo, veterinário por formação, mas panificador por tradição familiar, não tendo sua origem vinculada à pecuária, apesar de ter trabalhado em fábrica de rações como veterinário de campo, adquiriu uma área de 20 alqueires fluminenses na localidade denominada de Berut, no município de Cantagalo. Com a produção da silagem de milho, comprando vacas, construindo bezerreiros, montando sistemas de irrigação e mais diversas outras estruturas que sua criatividade e empreendedorismo deu “asas”, Guaracy, por puro idealismo e com um bom volume de investimentos, inicia sua atividade na pecuária de leite, mantendo sua atividade

principal, a panificação. Após se esmerar na atividade que o deixa, até mesmo, com algumas dificuldades financeiras as quais foram sanadas pela atividade principal – a panificação – que, ao contrário, ia cada dia melhor, se dá conta do seu amadorismo e total desconhecimento da atividade.

Compra do Sítio Barra do Bengalas

Numa conversa o Guaracy tristemente tirou do bolso um celular de última geração e disse que havia custado o preço de duas vacas boas de leite. Dava a perceber que estava muito decepcionado com toda a atividade leiteira. Na mesma época dessa conversa, apareceu um negócio para trocar sua propriedade no distante Berut, de 20 alqueires, pelo sítio de cinco alqueires na Barra do Rio Bengalas, logo ali a cinco minutos de Friburgo. Após pensar muito e fazer muitos mais cálculos, pois teria que voltar uma boa soma em dinheiro, enxergou ali um pequeno diamante bruto que, se bem trabalhado, poderia render mais do que satisfação pessoal, tanto pela proximidade e fácil acesso, podendo, ainda, facilitar a convivência frente às obrigações com a panificação, sua atividade principal. Após realizar o negócio, ainda desiludido com a pecuária leiteira, de início destinou essa nova propriedade ao lazer com cavalos e como base para passeios e cavalgadas de fins de semana.

Formação das pastagens de Tifton

Para melhorar a alimentação dos cavalos, compra várias mudas de capim Tyfton, para plantar numa pequena várzea de 1,3 hectares, bem na entrada do sítio. O capim apresenta uma resposta excelente. Por coincidência, nesta mesma época, começa a ter contacto com uma pecuária de leite muito intensiva, em pastagens de capim Tyfton, em pastejo rotacionado, irrigado e adubado. Nesta ocasião, o rebanho era composto de apenas uma novilha e alguns cavalos. Guaracy se empolga novamente com a pecuária de leite e pede emprestado de um funcionário seu, oito ou nove vacas que estavam em regime de arrendamento de pastos, para um teste com esse novo capim no sistema de piquetes. Sucesso total! As vacas, com aquele manejo, deram uma quantidade de leite surpreendente para vacas com baixo potencial genético para a produção de leite.

Guaracy se reanima e começa a comprar um gado de razoável potencial leiteiro que dá “show” de produção em uma área tão pequena de pasto. Mas como nem tudo são flores, o capim tyfton no inverno não foi bem. Naquela condição de frio

não apresentou a mesma desenvoltura que em épocas mais quentes. Na verdade, faltava o calor para o tyfton se recompor em ciclo de 22 em 22 dias normais como no verão. Nem com um período de descanso de 30 dias no inverno, mesmo não faltando água e adubação, o capim não produzia o suficiente. Foi então experimentado o semeio de aveia preta no meio do tyfton, fator que deu bom resultado, porém os custos subiram muito, pois toda vez que os animais pastassem, teria de se semear, novamente, a aveia.

Adubação das pastagens

As pastagens do sítio Barra do Bengalas foram implantadas, inicialmente, com pequena adubação de NPK após correção do Ph com calcário, principalmente, nos piquetes localizados nos locais mais íngrimes, porque havia sido feito terraplenagem de acerto do terreno. Atualmente, está sendo feita a correção, semestralmente com fósforo (P) e trimestralmente com nitrogênio (N), já que os índices de potássio (K) estão normais, com base em análises do solo, feitas anualmente. Essas adubações são feitas manualmente "a lanço". Diariamente é feita a dissolução dos bolos de esterco com jatos de água sob pressão, após a saída dos animais do piquete.

Irrigação das pastagens

As pastagens rotacionadas são irrigadas por gravidade, com água de uma nascente e água bombeada de dois poços existentes na várzea, para um reservatório elevado com capacidade para 25.000 litros, utilizando um sistema de irrigação de baixa pressão com pequenos aspersores que são deslocados diariamente.

Uso da cana-de-açúcar mais uréia

Assim, surgiu a idéia de se utilizar cana-de-açúcar com uréia para complementar o alimentação dos animais compensando o pouco vigor vegetativo do tyfton nesta época do ano. Durante o inverno a cana-de-açúcar está no melhor da sua maturação (riqueza em açúcar) e em contraposição, esse é o período mais crítico para todos os capins e sem os problemas e dificuldades da ensilagem do milho e ou do sorgo. Com a cana no cocho as vacas respondiam magnificamente chegando ao ponto de demonstrarem estar muito bem, dando pulos e coices no ar quando soltas nos piquetes. Fato esse que chamou atenção, esta demonstração de satisfação dos animais.

Produção de leite e manejo do rebanho

Atualmente o rebanho é composto de 23 vacas em lactação e 3 vacas secas, com uma produção média de 370 litros/dia, em duas ordenhas, simultaneamente ao trato com cana-de-açúcar mais uréia e sal mineral (consumo forçado). A ração concentrada (22% de proteína) é fornecida na base de 1 kg para cada 3 litros de leite ordenhado. A secagem das 3 vacas foi forçada e ocorreu com uma produção em torno de 15 litros/dia, pois estavam com partos previstos nos próximos 60 dias.

Reprodução e sanidade do rebanho

Deste total de 26 animais, duas não estão prenhas; uma criou há poucos dias e a outra se encontra em tratamento de uma leve metrite após ter feito um aborto. O intervalo de parto está próximo de 12 meses. As bezerras fêmeas estão sendo suplementadas com 1 kg de ração/dia. Não há nenhum caso de laminite e outros problemas de casco e já há algum tempo não há casos de mamites clínicas e nem subclínicas. Este fato se deve a habilidade e competência do retireiro atual no manejo da ordenhadeira mecânica e na lida com as vacas, pois pelo fato de não bater e nem gritar com os animais, é pequeno o número de vacas que precisam ser peadas (amarradas) na hora da ordenha. O sítio segue rigorosamente, um calendário de vacinação.

Considerações finais

Existem ainda muitas dúvidas sobre manejo, alimentação, instalações e observações diversas, que indiquem e motivem o aprimoramento da pecuária de leite na região. Somos sabedores que toda busca nunca termina seja pelo conhecimento ou pela informação.

Este sítio tem se transformado num campo de estudos para feitura de um projeto maior que se encontra em fase inicial de implantação no município de Cantagalo-RJ, de metas bem mais ambiciosas e uma proposta mais abrangente dentro do setor leiteiro, respaldado em conhecimentos mais aprofundados e o uso de técnicas mais próprias ao setor leiteiro.

Aproveitamos para registrar o nosso respeito aos campeiros, retireiros, cortadores de cana-de-açúcar, capim, tratoristas, inseminadores, roçadores e

tantos outros profissionais que formam as vigas da ponte por onde passa toda a cadeia produtiva de um alimento tão importante com o leite e, especialmente, aos que trabalham com total dedicação para que este leite e seus derivados cheguem, mais e melhor, à mesa dos brasileiros e talvez até as mesas chinesas.